



V SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA

Livro de Atas

VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia

Organizadores

Anabela Pereira, Manuela Calheiros, Paula Vagos, Inês Direito, Sara Monteiro, Carlos Fernandes da Silva, & Ana Allen Gomes

Editor: Associação Portuguesa de Psicologia

ISBN: 978-989-96606-1-8

Ciúme nas relações amorosas de adolescentes: Questões de género e orientação sexual

Cristina Santos & Madalena Melo

Departamento de Psicologia, Universidade de Évora

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender as diferenças relativamente ao ciúme nas relações amorosas de adolescentes, tendo em conta o género e a orientação sexual. Para tal, foi criado um questionário (Questionário de Ciúme nas Relações Amorosas Adolescentes - QCRAA) que pretende avaliar aspetos do ciúme presentes em relações amorosas adolescentes - Preocupação, Controlo do Comportamento e Comportamentos de Investigação e Agressão. O QCRAA foi aplicado a 316 jovens, tendo sido comparados os resultados em função do género, da orientação sexual, do nível de ensino e da estabilidade da relação amorosa.

Os resultados sugerem que as raparigas possuem mais comportamentos de investigação e agressão, e que os níveis de preocupação nas relações amorosas dos/as jovens variam conforme a estabilidade da relação, sendo mais elevados quando a relação não é estável.

Neste estudo serão analisados e discutidos os principais resultados obtidos, bem como as suas implicações para a intervenção psicológica na prevenção da violência nas relações amorosas.

Palavras-chave: Ciúme; Relações amorosas na adolescência; Orientação sexual; Género; Controlo do Comportamento.

INTRODUÇÃO

O ciúme é uma das emoções humanas mais comuns, sendo citado na literatura, há já vários séculos, como existente em vários tipos de relações interpessoais, de entre as quais as relações amorosas (Carvalho, Bueno & Kebleris, 2008). Mas esta não será uma emoção primária, sendo despoletada e influenciada pela situação, pela pessoa e pela relação existente (Rydell & Bringle, 2007). O ciúme poderá ser sentido desde uma idade muito precoce até ao final da vida, e tendo em conta diferentes pessoas: progenitores, familiares, cuidadores, amigos, parceiros amorosos, etc (Edalati & Redzuan, 2010; Kolak & Volling, 2011; Mullen & Martin, 1994; Parker, Low, Walker & Gamm, 2005; Schakelford, et. al, 2004; Scheinkman & Werneck, 2010). O tipo de ciúme mais relevante para o presente estudo será aquele que é sentido em relação a um/a parceiro/a amoroso/a – ciúme romântico – e durante o período da adolescência tardia. Nesta fase da vida, e visto a maioria das emoções ser vivenciada de forma exacerbada, o ciúme romântico, quando experienciado, poderá alcançar altos níveis, mas ser percebido como algo comum, e até como uma verdadeira demonstração de amor (Rodríguez, Sánchez & Alonso, 2006).

Apesar da complexidade desta emoção, segundo Marazziti e colaboradores (2003), podemos definir o ciúme enquanto percepção de ameaça de perda de uma relação importante para uma rival real ou imaginário, sendo uma condição heterogénea que vai desde a normalidade à patologia, possuindo diferentes graus de intensidade, persistência e *insight*.

O ciúme nas relações amorosas, tal como os comportamentos que deste derivam, podem ser preditores de relações asfixiantes, ou mesmo violentas, podendo levar ambos/as os/as parceiros/as a experiências que em nada demonstram amor e afeto, e que em muito influenciarão o seu bem-estar, não só na relação amorosa, como na sua vida (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006).

Muitas das vezes, comportamentos que têm por base sentimentos e/ou pensamentos de ciúme, são interpretados pela sociedade como demonstrações de amor, chegando até a

existir um reforço dos mesmos (López & Rodríguez, 2008; Rodríguez et al., 2006; White, 1981). Este tipo de interpretação leva muitas das vítimas a aceitar comportamentos de controlo; chantagens; proibições; ameaças e insultos, como sinais de preocupação e afeto, ignorando o mal-estar que estes as fazem sentir (Edalati & Redzuan, 2010; González-Ortega, Echeburúa & Corral, 2008; Nascimento & Cordeiro, 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez, Ortega, Ortega & Viejo, 2008).

Durante vários anos as preocupações sobre este tipo de comportamentos apenas recaíam sobre relações amorosas que se desenvolviam na vida adulta, pois as relações de adolescentes e jovens adultos/as eram vistas como pouco duradouras, e com um baixo nível de compromisso, nas quais a violência se apresentava muito raramente (Sánchez et al., 2008). Atualmente sabemos que as relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as tendem a consolidar-se ao longo do tempo, adquirindo muitas vezes um cariz duradouro, com um maior nível de intimidade e compromisso, nas quais muitas das vezes existe violência psicológica e/ou física (Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008).

A adolescência corresponde a uma fase da vida onde os/as jovens começam a idealizar o amor, onde os sentimentos se apresentam como mais intensos e onde se começam a desenvolver relações amorosas, sendo desta forma um dos períodos mais importantes para o futuro entendimento das mesmas (Rodríguez et al., 2006). Mas é também durante esta fase da vida que os/as adolescentes aceitam com maior facilidade relações abusivas e/ou asfixiantes - caracterizadas por controlo, chantagens, proibições, ameaças e insultos - acreditando que estas são demonstrações de amor (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Esta maior aceitação de relações abusivas por parte dos/as jovens, está na maioria das vezes relacionada com a falta de conhecimento do que é uma relação saudável, bem como com a pouca experiência no que diz respeito à vivência de relações amorosas (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Visto existir pouca experiência e conhecimento, os/as jovens aceitam determinado tipo de comportamentos, por não terem conhecimento se estes serão ou não esperados e desejados numa relação.

O ciúme patológico, demonstrado através dos comportamentos sufocantes atrás referidos, e através de pensamentos, discursos e ações castradoras dos comportamentos e crenças do/a parceiro/a, poderá apresentar-se não só como preditor de violência nas relações amorosas, mas também como uma expressão de violência psicológica, e em última análise física (Rodríguez et al., 2006). Segundo Lorente (2001, *In* Rodríguez et al., 2006), embora a sociedade considere, na maioria das vezes, o ciúme como uma demonstração de amor, este é na verdade um mecanismo de controlo da outra pessoa, e que em parte demonstra o medo, a insegurança e a dependência de quem o apresenta.

A aceitação do ciúme nas relações amorosas parece ainda estar ligada a uma idealização do amor romântico, visto como algo no qual a pessoa irá encontrar o sentido da sua vida, e pelo qual se tem de sofrer, fomentando a ideia de que quando há amor tudo se consegue, podendo levar a uma visão da violência como um obstáculo a ser ultrapassado (Nascimento & Cordeiro, 2008; Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Tal pode observar-se na investigação de Rodríguez e colaboradores (2006), na qual 60% dos/as inquiridos/as (jovens entre os 15 e os 23 anos de idade) refere que "o amor pode tudo" ("el amor lo puede todo"), e 17% está totalmente de acordo com a afirmação "os ciúmes trazem paixão à relação" ("Los celos le aportan pasión a la relación"), o que pode levar a acreditar que existe uma minimização dos atos agressivos por parte dos jovens nas relações amorosas, e que estas relações poderão ser pautadas por comportamentos de controlo e exigência, ignorando o respeito mútuo, liberdade e igualdade inerentes a relações saudáveis.

Do ciúme aos maus tratos

Devido às características das relações amorosas durante a adolescência, a vivência de situações abusivas e asfixiantes nestas relações pode desenvolver-se com relativa facilidade e alastrar-se durante longos períodos de tempo, tendo como base crenças distorcidas sobre

a vivência saudável das relações amorosas (e fontes de apoio que possuem igualmente baixos níveis de conhecimento e compreensão sobre estas temáticas), dificultando assim a sinalização e apoio a este tipo de situações junto dos/as jovens. Segundo González-Ortega e colaboradores (2008), a violência em casais mais jovens é normalmente psicológica, sendo mais sutil e menos grave que em casais adultos, o que não será de toda uma característica que leve a uma menor preocupação com a violência em relações amorosas de adolescentes. Este tipo de violência, psicológica e mais sutil, é muito preocupante, principalmente durante esta fase da vida, visto que a maioria dos/as jovens a observará como algo sem importância, não conseguindo prever a escalada nos comportamentos agressivos que ocorrerá posteriormente, retirando-lhe valor. As situações de violência em relações amorosas ao longo da adolescência, irão também influenciar a visão do/a adolescente do que é o amor, qual o comportamento mais adequado numa relação e como se comportar na sua intimidade, o que se irá refletir nas suas vivências ao longo da vida adulta (González-Ortega et al., 2008).

Existem também diferenças associadas ao género na violência exercida sobre o/a parceiro/a, podendo observar-se que a violência psicológica - tal como o ciúme - está mais associada às mulheres, enquanto a violência física e sexual está mais associada aos homens (González-Ortega et al., 2008). Segundo Foshee e colaboradores (2007), nas relações heterossexuais podemos ainda verificar que os homens agredem de forma a dominar e exercer controlo sobre a parceira - existindo na maioria das vezes uma minimização da importância da sua agressão - e as mulheres agredem como ato de autodefesa em momentos de ira intensa ou como resposta a ações desadequadas por parte do parceiro - sobrevalorizando os seus atos e sentindo-se culpadas pelos mesmos.

Será ainda importante ressaltar que a violência psicológica poderá ser tão problemática como a violência física, acarretando consequências que se poderão manter por vários anos, tanto psicológicas como físicas, e que em muito irão influenciar a vivência das relações amorosas, tal como o bem-estar das vítimas. Neste sentido, González-Ortega e colaboradores (2008), chamam a atenção para a influência que a violência nas relações amorosas nesta fase da vida poderá ter na saúde física e mental dos/as adolescentes, mantendo-se estas consequências ao longo da vida adulta. Embora ainda hoje não se possa referir com certeza que crenças, atitudes e comportamentos, adquiridos durante as primeiras fases da vida se venham a manter ao longo da vida adulta (Karney, Beckett, Collins & Shaw, 2007), vários autores referem que a violência em casais jovens tende a manter-se, bem como a aumentar o seu nível, sendo desta forma a violência em relações amorosas durante a adolescência um preditor da mesma na vida adulta (González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Esta manutenção, e até aumento do nível de violência, ao longo da vida, deve-se ao seu carácter gradual, visto instalar-se progressivamente ao longo da relação, tendendo a agravar-se com o desenvolvimento da mesma, o que poderá levar os/as jovens a retirar importância e aceitar a violência com carácter mais sutil como necessária na relação, por não serem apresentados comportamentos de violência física (González-Ortega et al., 2008).

Assim, podemos observar que comportamentos violentos em relações amorosas que se desenvolvem na adolescência, poderão manter-se ao longo do tempo, e influenciar, tanto a curto como a longo prazo, a relação amorosa, bem como o bem-estar físico e psicológico de ambos/as os/as parceiros/as, sendo desta forma um dos fatores que deverá receber elevada atenção numa perspetiva de prevenção e compreensão de relações disfuncionais.

Sendo o ciúme um dos sentimentos que se encontra na base do desenvolvimento e manutenção da violência nas relações amorosas de adolescentes e adultos, deveremos então compreender de forma abrangente este sentimento. Para uma melhor compreensão de como este sentimento irá influenciar, ou não, as relações amorosas desenvolvidas na adolescência será ainda importante observar se este se apresenta de diferentes formas tendo em conta o género e orientação sexual dos/as adolescentes e jovens adultos/as,

conseguindo assim analisar de forma mais pormenorizada a sua prevalência e manutenção tendo em conta grupos diferenciados.

Tendo em conta o referido, esta investigação pretendeu compreender se existe ciúme nas relações amorosas dos/as jovens e se existem diferenças neste tendo em conta o género, a orientação sexual e a estabilidade destas relações.

METODOLOGIA

Participantes

A amostra é constituída por 316 jovens ($N=316$), dos quais 171 frequentam o ensino secundário ($n=115$ do sexo feminino) e os restantes o ensino superior ($n=102$ do sexo feminino) com idades compreendidas entre os 17 e os 21 anos de idade, com uma média de 18.62 anos.

Instrumento

Foi criado um questionário (Questionário de Ciúme nas Relações Amorosas Adolescentes - QCRAA) com base na revisão teórica sobre ciúme em relações amorosas, bem como em outros questionários/inventários já existentes, de forma a avaliar os níveis de ciúme romântico presentes nas relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as.

Esta versão do QCRAA é composta por 40 itens, com respostas codificadas numa escala tipo *Likert*, referentes às opiniões e comportamentos dos/as jovens em diferentes aspetos das relações amorosas, incidindo sobre as seguintes categorias: *Preocupação*; *Controlo do comportamento*; *Agressão* e *Investigação*. Para responder ao questionário pedia-se ao indivíduo que tivesse em conta uma relação amorosa atual, uma relação passada (caso não estivesse atualmente numa relação), ou idealizasse o que aconteceria numa relação futura (caso nunca tenha estado numa relação).

Foi ainda pedido aos/às participantes que fornecessem alguns dados de caracterização. Tendo em conta a resposta ao sexo do indivíduo e do parceiro/a, foi definida a orientação sexual face à relação tida em conta na resposta ao questionário em questão. Assim, a orientação sexual dos/as participantes foi estabelecida tendo apenas em conta a relação que descrevem no questionário.

Será ainda importante referir que, embora o QCRAA tenha como objetivo avaliar o ciúme nas relações amorosas de adolescentes, optou-se por não utilizar a palavra ciúme no título deste quando apresentado aos/às participantes. Esta opção teve em conta os estudos realizados por Marazziti e colaboradores (2003), onde a palavra ciúme no título de questionários sobre esta temática levou a respostas enviesadas, devido à conotação deste conceito na sociedade. Assim optou-se pela apresentação do título: Questionário de Ciúme nas Relações Amorosas Adolescentes; de forma a controlar este tipo de enviesamento dos resultados.

Procedimentos

Ao longo da presente investigação foram sempre tidos em conta todos os procedimentos de natureza ética, bem como pedidas as autorizações necessárias para passagem do QCRAA.

Procedeu-se à passagem dos questionários na sua versão papel em estabelecimentos de ensino da cidade de Évora, em grupo, sendo as respostas dadas de forma individual com uma duração aproximada de 15 minutos por indivíduo. Aquando da administração do questionário todos os/as jovens foram informados do âmbito da investigação, da confidencialidade dos dados recolhidos, bem como do direito ao não preenchimento do questionário. A recolha dos dados foi feita entre os meses de Abril e Agosto de 2012.

Para a recolha de dados através de resposta ao questionário *online*, foram também tidos em conta todos os procedimentos éticos inerentes. A publicitação e pedido de resposta ao questionário foram efetuados através da *mailing list* de algumas associações de jovens LGBT a nível nacional, bem como através do *facebook*.

A versão *online* do questionário, continha uma breve descrição do âmbito da investigação, bem como a informação da confidencialidade dos dados recolhidos. O restante questionário era idêntico ao questionário na versão papel. O questionário esteve disponível para preenchimento *online*, entre os dias 2 de Julho e 15 de Setembro de 2012. No final deste período o questionário *online* foi retirado, e as Associações foram informadas de que este já não estaria disponível para resposta por parte dos/as jovens, pedindo para ser cancelada a divulgação do mesmo.

É de referir que dos/as 316 jovens que compõem a amostra, 238 responderam à versão papel do QCRAA e os restantes à sua versão *online*.

Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente e analisados através da aplicação de análise estatística IBM® SPSS® Statistics (versão 20).

De forma a assegurar as qualidades psicométricas do questionário criado, foram realizados os procedimentos estatísticos necessários para observar a validade e fidelidade do mesmo.

Foi utilizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz de correlações, com extração dos fatores pelo método dos componentes principais, bem como uma rotação *varimax*, para avaliar a relação dos resultados obtidos com o QCRAA. A validade da AFE foi verificada através do teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett. A fidelidade foi verificada através da consistência interna do QCRAA, bem como das suas dimensões, através do *Alpha de Cronbach*.

Para a análise das diferenças de médias entre as variáveis independentes em relação ao sexo, orientação sexual, estabilidade da relação e nível de ensino, utilizou-se o teste *t-Student*, após a verificação dos pressupostos estatísticos inerentes à realização deste procedimento - normalidade das distribuições e homogeneidade das variâncias.

Posteriormente foi utilizado o Teste de *Mann-Whitney*, para análise das diferenças de médias encontradas numa das variáveis independentes.

De forma a avaliar diferenças significativas na preocupação face à infidelidade emocional/sexual do/a parceiro/a foi utilizado o Teste de *Kruskal-Wallis*.

Por último foram utilizadas Correlações de *Pearson - r*, de forma a compreender se existiam correlações entre o tempo da relação amorosa e as dimensões do QCRAA.

RESULTADOS

Análise fatorial exploratória (AFE)

Após verificação dos pressupostos estatísticos, foi feita AFE, da qual resultaram três fatores explicativos de 44,21% da variância total. Após rotação *Varimax*, os três fatores extraídos explicavam 16,99%; 15,82% e 11,40%. Assim a Escala Final é composta por 32 itens.

Realizou-se então um teste de validade da análise fatorial de componentes principais, através do teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett. Através da observação dos valores encontrados, verificou-se que poderia ser realizada a análise fatorial, sendo a mesma válida e adequada (teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2 \approx 4682,17$; g.l. = 561, $p < .001$; KMO = .908), demonstrando que as variáveis estão correlacionadas e que existe homogeneidade das mesmas, sendo a recomendação relativa à AFE excelente (Maroco, 2010).

A distribuição dos itens pelos diversos fatores anteriormente referidos vai ao encontro dos pressupostos teóricos subjacentes à construção do instrumento. Desta forma o primeiro fator, que explica 16,99% da variância, agrupa os itens relacionados com as preocupações com a traição, abandono e falta de interesse por parte do/a parceiro/a. O segundo fator, que explica 15,82% da variância, diz respeito aos itens relacionados com o controlo dos comportamentos do/a parceiro/a que o/a poderão levar a conhecer outra pessoa, e eventualmente a começar outra relação. Por último o terceiro fator, que explica 11,40% da variância, agrupa os itens referentes à invasão da privacidade do/a parceiro/a, e à agressão física e/ou verbal do/a mesmo/a.

Desta forma, e tendo em conta o referencial teórico subjacente, bem como os resultados encontrados na AFE, o primeiro fator foi designado como *Preocupação*, o segundo como *Controlo do comportamento*, e o terceiro como *Investigação/Agressão*.

As médias dos/as adolescentes e jovens adultos/as para cada uma das dimensões avaliadas foram as seguintes: *Preocupação*, média de 2.19 (DP = 0.64); *Controlo do comportamento*, média de 1.66 (DP = 0.51); e *Investigação/Agressão*, média de 1.38 (DP = 0.42).

Análise da consistência interna

Com vista a avaliar a fidelidade do QCRAA, efetuou-se o cálculo do *Alpha de Cronbach*.

Pode verificar-se que o instrumento apresenta uma boa consistência interna, sendo o valor do α global igual a 0.92, podendo considerar-se excelente (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Relativamente ao *Alpha de Cronbach* de cada um dos fatores encontrados com a AFE, podemos observar que todos se encontram acima de 0.70, designadamente: *preocupação* ($\alpha = 0.86$); *controlo do comportamento* ($\alpha = 0.89$); e *investigação/agressão* ($\alpha = 0.80$). Podemos assim denotar que existe uma consistência interna elevada tanto na escala completa, como em cada uma das dimensões da mesma.

Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - sexo

De forma a testar as diferenças de sexo entre os resultados obtidos nas diversas dimensões do QCRAA, utilizou-se o teste *t-Student*.

Relativamente às diferenças encontradas através do teste *t-Student*, observam-se diferenças estatisticamente significativas apenas na dimensão *Investigação/Agressão* ($t(314) = 2.95, p < .05$). Assim, na referida dimensão as raparigas apresentam uma média significativamente superior à dos rapazes (respetivamente 1,43 e 1,28).

Para as restantes dimensões não foram encontradas diferenças de sexo estatisticamente significativas (*Preocupação* ($t(314) = 1.35, p = .177$); *Controlo do comportamento* ($t(314) = 0.35, p = .727$), tal como não foram encontradas diferenças de sexo estatisticamente significativas na escala completa ($t(314) = 1.33, p = .186$).

Tendo em conta os resultados obtidos e visto a AFE ter agrupado num único fator a investigação e a agressão, foi efetuada uma análise item a item dos resultados obtidos no fator *Investigação/Agressão*, através do teste de Mann-Whitney. Assim, através deste procedimento estatístico foram analisadas as diferenças de médias tendo em conta o sexo dos/as participantes para os diversos itens que compõem a dimensão *Investigação/Agressão*.

Podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo dos/as participantes nos itens 20 [Costumas vigiar as comunicações do/a teu/tua parceiro/a (telemóvel, email, redes sociais)?] ($U = 8512.00, p = .001$) e no item 37 [Quando te chateias com o/a teu/tua parceiro/a, costumavas insultá-lo/a?] ($U = 8083.00, p < .001$), sendo que em ambos os casos os jovens do sexo feminino apresentam médias mais altas que os jovens do sexo masculino. Embora nos restantes itens não existam diferenças significativas tendo em

conta o sexo dos sujeitos, é de referir que os jovens do sexo masculino apresentam em todos os itens médias mais baixas que as jovens do sexo feminino.

Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - tipo de relação (homossexual / heterossexual)

Utilizou-se o teste *t*-Student para avaliar as diferenças de médias das dimensões tendo em conta a orientação sexual dos/as participantes.

Através da análise dos resultados encontrados no teste *t*-Student, pode observar-se que não existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o tipo de relação (homossexual / heterossexual) em nenhuma das dimensões do QCRAA (*Preocupação* ($t(262) = 0.32, p = .750$); *Controlo do comportamento* ($t(262) = 1.00, p = .320$); *Investigação/Agressão* ($t(262) = 0.38, p = .706$)), bem como na escala completa ($t(262) = 0.41; p=0,685$).

Embora as diferenças de médias não se apresentem como estatisticamente significativas, é de referir que os/as participantes que relatam uma relação homossexual apresentam médias mais baixas tanto na Escala Completa, como nas dimensões *Controlo do comportamento* e *Investigação/Agressão*, do que os/as participantes que relatam relações heterossexuais. Assim os participantes que têm em conta relações homossexuais nas suas respostas ao QCRAA, apenas apresentam médias mais elevadas na dimensão *Preocupação*.

Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - estabilidade da relação

Para observar se existiam diferenças estatisticamente significativas nas diferentes dimensões do QCRAA, tendo em conta o estabilidade da relação que os/as participantes tiveram em conta para responder ao questionário, foi também utilizado o teste *t*-Student.

Através do teste *t*-Student, pode observar-se que existem diferenças estatisticamente significativas para a dimensão "Preocupação" ($t(217) = 3.70, p < .001$). Assim na dimensão "Preocupação", os/as participantes que responderam ao questionário tendo em conta uma relação não estável, apresentam uma média significativamente superior à dos/as que tiveram em conta uma relação estável (respetivamente; 2,47 e 2,07).

Para as restantes dimensões não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (*Controlo do comportamento* ($t(217) = 0.07, p = .948$); *Investigação/Agressão* ($t(217) = 1.09, p = .276$)), tal como não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala completa ($t(217) = 1.66, p = .098$).

Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - nível de ensino

Por último o teste *t*-Student foi ainda utilizado para a comparação de médias em cada uma das dimensões do QCRAA tendo em conta o nível de ensino que os/as participantes frequentavam quando responderam ao questionário.

Através dos resultados obtidos, pode observar-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões do QCRAA tendo em conta o nível de ensino frequentado pelos/as participantes (*Preocupação* ($t(314) = 0.08, p=.936$); *Controlo do comportamento* ($t(314) = 0.80, p = .426$); *Investigação/Agressão* ($t(314) = 0.51, p = .612$)), bem como na escala completa ($t(314) = 0.55, p = .584$).

Preocupação com a infidelidade emocional ou sexual do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo e o tipo de relação (homossexual / heterossexual)

De forma a compreender se existem diferenças estatisticamente significativas na preocupação com o tipo de infidelidade (emocional ou sexual) do/a parceiro/a, tendo em

conta o sexo e a orientação sexual dos/as participantes, recorreu-se ao Teste de Kruskal-Wallis.

Os resultados alcançados com o referido procedimento estatístico mostram que não existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo e orientação sexual dos/as participantes nas respostas aos itens 14 [Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver emocionalmente com outra pessoa?] ($\chi^2(3) = 2.84, p = .418$) e 34 [Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver sexualmente com outra pessoa?] ($\chi^2(3) = 2.56, p = .465$).

Visto não existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente à preocupação com o tipo de infidelidade do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo e orientação sexual dos/as participantes em simultâneo, foi realizado o mesmo procedimento estatístico para cada uma das variáveis separadamente.

Os resultados alcançados permitem-nos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo dos/as participantes nas respostas aos itens 14 - infidelidade emocional ($\chi^2(1) = 0.19, p = .665$) e 34 - infidelidade sexual ($\chi^2(1) = 0.10, p = .749$).

Podemos ainda observar que os/as participantes não diferem no tipo de preocupação com a infidelidade do/a parceiro/a tendo em conta a orientação sexual, visto não existirem diferenças significativas entre as respostas ao item 14 - infidelidade emocional ($\chi^2(1) = 0.41, p = .523$) e ao item 34 - infidelidade sexual ($\chi^2(1) = 0.00, p = .980$).

CONCLUSÕES

As relações amorosas durante a adolescência foram durante um longo período de tempo ignoradas nos estudos sobre violência psicológica e/ou física, tal devia-se à ideia de que nelas não existia violência, pois eram pouco duradouras e com baixos níveis de compromisso (Sánchez et al., 2008). Alguns estudos indicam que os/as jovens desenvolvem relações que duram longos períodos de tempo e que tendem a consolidar-se, existindo níveis de compromisso e intimidade mais elevados e muitas das vezes violência psicológica e/ou física (Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Desta forma importa compreender o que está na base do desenvolvimento da violência neste tipo de relações.

O ciúme romântico parece ser um dos fenómenos que influencia o desenvolvimento de violência em relações amorosas de adolescentes, sendo na maioria das vezes o impulsionador deste tipo de situações, o que se agrava com a aceitação social deste sentimento, bem como dos comportamentos que do mesmo derivam (López & Rodríguez, 2008; White, 1981).

Aliada à aceitação social do ciúme romântico, está a aceitação e reforço deste tipo de comportamentos por parte do grupo de pares. Sabemos que o grupo de pares adquire um papel fundamental durante a adolescência, podendo desta forma influenciar a visão e aceitação deste fenómeno.

Desta forma, e tendo em conta os resultados obtidos no presente estudo, podemos observar que o ciúme romântico, tal como os comportamentos relacionados com o mesmo, parecem estar presentes nas relações amorosas dos/as adolescentes e jovens adultos/as. Pode ainda inferir-se que estes comportamentos são aceites, e até mesmo esperados, tanto pelos/as jovens, como pela sociedade o que traz implicações negativas no início e desenvolvimento de relações amorosas saudáveis durante a adolescência. Visto ser durante esta fase da vida que se começa a idealizar o amor e a compreender as relações amorosas (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006), acreditamos que as experiências vividas neste período poderão influenciar as relações estabelecidas ao longo da vida. Assim, tanto quem sente e demonstra ciúme patológico, como o/a parceiro/a do/a mesmo/a, poderão

viver situações que lhe provocaram mal-estar e que poderão manter-se durante longos períodos de tempo.

Tendo em conta os resultados obtidos neste estudo, será ainda de sublinhar a existência de comportamentos de investigação e invasão da privacidade do/a parceiro/a, principalmente por parte das raparigas. Este tipo de comportamentos - característicos do ciúme - estão interligados, na sua maioria, ao excesso de utilização das telecomunicações, e principalmente das redes sociais (Facebook, Twiter, etc.). Tal como é observado por Muise e colaboradores (2009), a pesquisa de veracidade dos comportamentos que o/a parceiro/a diz possuir é feita diariamente através das redes sociais, levando a situações de desconforto no casal e a baixos níveis de privacidade. As referidas situações, poderão estar na base de discussões e agressões, e poderão desencadear violência física e/ou psicológica. É ainda de ressaltar que os comportamentos de investigação e/ou agressão demonstram que existe falta de confiança e uma baixa comunicação entre parceiros/as amorosos/as, o que leva ao aumento do grau de ciúme, formando desta forma um ciclo contínuo.

Assim, parece-nos ser de extrema importância aprofundar os resultados encontrados através de novos estudos sobre ciúme com adolescentes e jovens adultos/as, considerando o sexo e a orientação sexual. Será ainda de ressaltar que as experiências e comportamentos vividos durante a adolescência, e início da vida adulta poderão influenciar em larga escala a compreensão e vivência das relações amorosas ao longo da vida. Torna-se então extremamente premente o estudo e compreensão do início e desenvolvimento destas relações amorosas, principalmente no que concerne à violência, seja ela física ou psicológica.

Os resultados encontrados nesta investigação poderão ainda ser úteis no que respeita à intervenção psicológica para a prevenção da violência no namoro, dando pistas para a implementação de programas que promovam a assertividade, a resolução de conflitos e a afirmação da autonomia. Tendo em conta a pertinência atual da problemática do ciúme nas relações amorosas juvenis será de extrema importância que a intervenção psicológica considere as dinâmicas relacionais apresentadas, reveladoras deste sentimento que muitas vezes potencia o despoletar de situações de violência.

Uma das principais limitações do presente estudo está relacionada com a amostra. Visto um dos objetivos do estudo ser a comparação entre jovens homo e heterossexuais, e a maioria dos/as jovens que responderam ao questionário na sua versão em papel relatar relações heterossexuais, sendo necessário recorrer a uma versão online para obter respostas de jovens com relações homossexuais. Desta forma a população que respondeu ao questionário tendo em conta uma relação homossexual encontrava-se numa situação de investigação distinta, o que poderá ter influenciado as suas respostas.

Em posteriores estudos será necessário um maior número de participantes, bem como alterações ao nível das perguntas relativas aos dados de caracterização dos/as participantes, de forma a colmatar as limitações anteriormente referidas. Será ainda de sublinhar a importância de incluir mais algumas questões em estudos futuros para cada uma das dimensões do QCRAA.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Madalena Melo, Departamento de Psicologia, Universidade de Évora, Apartado 94, 7002-554 Évora, mmm@uevora.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, L., Bueno, J. & Kebleris, F. (2008). Estudos psicométricos preliminares do In-ventário de Ciúme Romântico – ICR. *Avaliação Psicológica*, 7, 335-346.

- Edalati, A. & Redzuan, M. (2010). The relationship between jealousy and aggression: A review of literatures related to wives' aggression. *European journal of scientific research*, 39 (4), 498-504.
- Foshee, V. A., Bauman, K. E., Linder, F., Rice, J. & Wilcher, R. (2007). Typologies of adolescent dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 498-519
- González-Ortega, I., Echeburúa, E. & Corral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Behavioral psychology / Psicología conductual*, 16 (2), 207-225.
- Karney, B. R., Beckett, M. K., Collins, R. L. & Shaw, R. (2007) Introduction. In Karney, B. R., Beckett, M. K., Collins, R. L. & Shaw, R. (Eds.) *Adolescent romantic relationships as precursors of healthy adult marriages: A review of theory, research, and programs* (pp. 1-8). Santa Monica: RAND Corporation.
- Kolak, A. M. & Volling, B. L. (2011). Sibling jealousy in early childhood: Longitudinal links to sibling relationships quality. *Infant and Child Development*, 20, 213-226.
- López Zafra, E. & Rodríguez Espartal, N.(2008). Relación entre cultura del honor, celos y satisfacción en la pareja. *Boletín de Psicología*, 94, 7-22.
- Marazziti, D., Di Nasso, E., Masala, I., Baroni, S., Abelli, M., Mengali, F., Mungai, F. & Rucci, P. (2003). Normal and obsessional jealousy: a study of a population of young adults. *European Psychiatry*, 18, 106-111.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alpha de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90.
- Maroco, J. (2010). *Análise estatística - Com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Muise, A., Christofides, E. & Desmarais, S. (2009). More information than you ever wanted: Does facebook bring out the green-eyed monster of jealousy?. *CyberPsychology & Behavior*, 12 (4), 441-444.
- Mullen, P. E. & Martin, J. (1994). Jealousy: A community study. *British Journal of Psychiatric*, 1, 35-43.
- Nascimento, F. S. & Cordeiro, R. L. M. (2008). A violência nas relações entre casais de namorados. *Fazendo género 8 - Corpo, violência e Poder*, 8, 1-8.
- Parker, J. G., Low, C. M., Walker, A. R. & Gamm, B. K. (2005). Friendship jealousy in young adolescents: Individual differences and links to sex, self-esteem, aggression, and social adjustment. *Development Psychology*, 41 (1), 235-250.
- Retana Franco, B. E. & Sánchez Aragón, R. (2005). Construcción y validación de una escala para medir adicción al amor en adolescentes. *Enseñanza e Investigación en psicología*, 10 (1), 127-141.
- Rodríguez Martín, V. Sánchez Sánchez, C. & Alonso González, D. (2006). Creencias de adolescentes y jóvenes en torno a la violencia de género y las relaciones de pareja. *Portularia*, VI (2), 189-204.
- Rydell, R. J. & Bringle, R. G. (2007). Differentiating reactive and suspicious jealousy. *Social behavior and personality*, 35 (8), 1099-1114.
- Scheinkman, M. & Werneck, D. (2010). Disarming jealousy in couples relationships: A multidimensional approach. *Family Process*, 49 (4), 486-502.
- Shackelford, T. K., Voracek, M., Schmitt, D. P., Buss, D. M., Weekes-Shackelford, V. A. & Michalski, R. L. (2004). Romantic jealousy in early adulthood and in later life. *Human Nature*, 15 (3), 283-300.
- White, G. L. (1981). Some correlates of romantic jealousy. *Journal of Personality*, 49 (2), 129-147.